

Jarmeson Sales

JARMESON SALES

Retrospectivamente 1970 – 2022

«... acho que vamos ter cada vez mais surfistas a usar a prancha quase como um skate ou um snowboard.»

Jarmeson Sales, 2013

I – Recife (Brasil)

Jarmeson Benício de Sales nasceu em Maio de 1970, na cidade de Recife, estado de Pernambuco, Brasil. Filho mais novo de Justino Benício de Sales e Ivete Georgina de Sales foi através da influência do irmão José Benício de Sales, mais velho cinco anos, que se iniciou na prática do surf, por volta dos doze anos de idade, e na experiência de ser shaper – José era shaper da marca Abreus e trabalhava numa oficina no quintal da casa de família. Aos quinze anos de idade, Jarmeson começou a trabalhar com o consagrado Rogério C. Bastos, shaper e dono da prestigiada Realce Nordeste e Custom Surfboards, que lançou um dos principais surfistas profissionais brasileiros, Fábio Gouveia. Trabalhou nesta fábrica que fica situada na cidade de Jaboatão dos Guararapes, localizada na região metropolitana da cidade de Recife, Pernambuco, aproximadamente durante quatro anos, período durante o qual este jovem surfista desenvolveu e aprofundou o ofício de shaper.



Jarmeson Sales no quintal de casa, Abreus, Jaboatão dos Guararapes, a partir de 1989, Arquivo Pessoal.

Uma vez adquirida uma base sólida de conhecimento e competência técnica, graças ao trabalho realizado durante esse período, Jarmeson Sales fundou a sua própria marca, Detach Surfboards, em 1989. O nome foi adoptado por Jarmeson da língua inglesa – detach – que significa dizer separar, desprender, destacar. Foi proprietário em Jaboatão dos Guararapes de uma fábrica de pranchas de surf, onde desenvolveu esta marca durante quase uma década. Enquanto shaper da Detach Surfboards formou equipa com os colaboradores Maurício Gomes Barbosa (Aranha) na pintura, João José de Santana na laminação/ /acabamento e Alexandre Cruz de Melo (Xande) no restauro. O criador do logótipo desta marca é um dos designers brasileiros mais premiados da actualidade, o pernambucano João Castelo Branco (Joãozito), vencedor do prestigiado prémio nacional Max Feffer de Design Gráfico, em 2002. Hoje em dia, com cinquenta e quatro anos de idade e também fotógrafo profissional, Joãozito era um surfista local que, na época, se tornou amigo de

Jarmeson e construiu uma interessante carreira de pintor de pranchas de surf iniciada na Magia Surfboards, em Jaboatão dos Gararapes, tendo colaborado, esporadicamente, na Detach Surfboards. Segundo o autor deste logótipo, o desenho remete para o reef break local chamado Abreus e a sua esquerda tubular. De facto, tanto a representação de uma onda como a letra D – inicial do nome da marca – vêem-se fundidas numa única forma enquanto imagem de uma mesma energia potencial. Embora viesse a trabalhar com uma segunda marca própria ao longo do seu percurso profissional, o logótipo da Detach Surfboards acabou por acompanhar Jarmeson Sales durante toda a sua vida.

Consta que foi estimulado pelo mesmo Rogério C. Bastos para ir depurar o shape nas fábricas californianas de pranchas de surf, por volta de 1988. Essa orientação pode ter demonstrado a Jarmeson uma experiência que decidiu valorizar no decorrer da sua vida. Enquanto shaper profissional sempre procurou evoluir no seu trabalho por intermédio de viagens regulares para conhecer e partilhar informação com alguns dos shapers brasileiros mais revelantes, tais como Ricardo Martins no contexto da Super Glass (Rio de Janeiro) e Beto Loureiro da Ripwave (São Paulo). Numa lista onde também se destacam nomes como Joca Secco, Eduardo Crivella, Gustavo Kronig, Cláudio Pastor, Sheena (Fernando Lopes Ribeiro), Cláudio Hennek e Sylvio Zampol. A todas estas ligações ainda se somam as prestações de serviços como backshaper para Ronaldo Barreto da Radical (Natal), uma fábrica pioneira de pranchas de surf no nordeste do Brasil e, no estado de Pernambuco, para Ricardo Marroquim da Marroquim Surfboards (Ipojuca), shaper do surfista Campeão Brasileiro de Surf (ABRASP) em 1991 e 1995, Ricardo Toledo, pai do actual Campeão Mundial de Surf (WSL), Filipe Toledo. Jarmeson Sales realizou trabalhos para companhias de surf como a Body Glove, Redley, Town & Country, Gotcha, Seaway, Maresia, entre outras.

A Detach Surfboards e Jarmeson Sales conheceram a luz do dia na imprensa especializada em surf com visibilidade na região do nordeste brasileiro. Nomeadamente, o jornal de distribuição gratuita The Surf Press (1991-2001) que, em Setembro de 1993, se apresentava nas bancas sob o lema de ser um jornal em prol do surf do nordeste.

Formado em jornalismo e já com alguma experiência acumulada como jornalista no Diário de Pernambuco, o surfista Hélio Coutinho foi fundador, proprietário e editor do The Surf Press – sem esconder as referências gringas que inspirariam um nome que conseguisse projectar, de acordo com as suas próprias palavras: a essência do surf com o ritmo dos grandes jornais. Desde 1994 que este jornal integrou Marcelo Cartaxo e tornou-se revista a partir de Agosto de 1998, quando provou ser um dos media de surf mais rápidos a difundir conteúdos, em particular sobre surf de competição. Chegou a ganhar escala nacional, tendo mesmo incomodado a imprensa especializada de surf das regiões do sul e sudeste do Brasil, suportada pelo poder financeiro de grandes grupos editoriais.

The Surf Press participou num movimento de afirmação do surf nordestino no Brasil, muito motivado pela necessidade de construir, dentro e fora de água, um contexto profissional de surf numa região mais periférica e marginal ao status quo do surf brasileiro daquela época. Faz parte da herança cultural do surf desta região, ainda preenchida, a título de exemplo, pela revista baiana Expresso (igualmente extinta no início da década de 2000).

Segundo Hélio Coutinho, hoje com 58 anos, Jarmeson Sales fez parte de uma nova geração de shapers pernambucanos, depois de uma geração que se tornou

profissional e onde se inscreve Rogério C. Bastos. Tanto Ruclécio Lucena da Intrust Surfboards, como Paulo Ferreira da Powerflex Surfboards ou Flávio Ferreira da Saturno Surfboards, entre outros, formaram com Jarmeson Sales essa vaga de jovens shapers. Numa frase, este jornalista ainda reconheceu em Jarmeson a presença de um shaper de excelência e um bom surfista.

Num dossier de cariz profissional e propriedade de Jarmeson Sales, em que foram coleccionados vários recortes da imprensa de surf brasileira, estão documentados dois anúncios da Detach Surfboards publicados no The Surf Press.



Anúncio da Detach Surfboards e do shaper Jarmeson Sales no The Surf Press, Brasil, 1994, Arquivo Pessoal

Na edição nº 10, em Fevereiro de 1994, onde pode ser visto em acção na sala de shape e, na edição nº 18, em Dezembro de 1994, onde se mostra a surfar sobre uma legenda que o descreve como shaper-surfista. Há três publicações também documentadas que merecem, em especial, a nossa atenção. Na edição nº 5, em Setembro de 1993, a Detach Surfboards é apresentada como patrocinadora da I Copa Halls de Surf 93, em Piedade (Jaboatão dos Guararapes), pronta a oferecer pranchas aos quatro primeiros classificados. Na edição nº 12, em Abril de 1994, Jarmeson foi escolhido com mais cinco shapers para responder ao questionário «Porquê Teccel?». Podemos ler que, segundo ele, os blocos desta empresa Pernambucana, fundada em 1992, estavam a ser considerados um dos melhores blocos do Brasil. Noutro questionário lançado na secção The Shaper's Page a partir da edição nº 16, em Setembro de 1994, Jarmeson Sales também foi selecionado para integrar o lote dos dezasseis melhores shapers do nordeste brasileiro. Através de dez perguntas,

este questionário facultou ao leitor uma informação que se julga enriquecedora de cada shaper convidado e ficamos a conhecer, no caso de Jarmeson, alguns dos surfistas mais reputados que naquele momento surfavam ou já tinham surfado com as suas pranchas. Respectivamente, Jerônimo Bonfim, Zé Radiola (José Olímpio da Rocha) e Fábio Quencas ou Maurício Bandeira (Gambá), Sávio Carneiro e Daniel Ventura, entre outros.

A pesquisa desse mesmo dossier ainda concluiu que alguns destes surfistas foram aqueles que mais representaram a Detach Surfboards, tanto na imagem como no texto de um conjunto diversificado de veículos da imprensa de surf brasileira, onde se incluem, para além do The Surf Press, as revistas Inside, Fluir, Hardcore, Expresso e a Visual Surf (uma das revistas de surf pioneiras no Brasil). Entre os nomes que mais promoveram a Detach Surfboards, mediante o logótipo usado nas pranchas e/ou pelo número de vezes que podem ser lidos, o surfista Jerônimo Bonfim é o líder destacado de uma lista ainda ocupada por Zé Radiola, Daniel Ventura, Marcelo Tadeu – mais associado à divulgação do shaper Jarmeson Sales –, Maurício Bandeira (Gambá) e Fábio Quencas, entre outros. Nas publicações geralmente dedicadas ao surf de competição e à publicidade de marcas, com imagens captadas em terra ou dentro de água, entre batidas, rasgadas, tubos e, até, um aéreo, as imagens do free-surf de Marcelo Tadeu na esquerda tubular de Cacimba do Padre, em Fernando Noronha, transmitem um espírito de surf verdadeiramente inspirador e com o cunho de Jarmeson Sales.

Durante a juventude de Jarmeson interessa reconhecer o seu valor como surfista, inclusive pela influência que desempenhou, naturalmente, na sua carreira de shaper. Apesar de lhe ter custado superar algumas dificuldades, durante uma fase inicial, na prática do surf, como por vezes recordava em tom de brincadeira, desde sempre manifestou uma qualidade exemplar quando surfava. Uma competência responsável pela sua dedicação ao surf de competição amador, na região do nordeste brasileiro, durante a década de oitenta do século passado. Até c. 1988, foi acompanhado pelo surfista local de Jaboatão dos Guararapes e seu amigo de longa data, Augusto Godoy, actualmente a residir em Serrambi, um lugar histórico no imaginário do surf brasileiro.

À medida que começou a abraçar o ofício de shaper, Jarmeson Sales afastou-se da competição, tendo vestido a licra aproximadamente até 1990. Durante a segunda metade da década de oitenta, estes dois surfistas naturais do bairro de Candeias fizeram parte da equipa de competição de uma fábrica, hoje situada na cidade de Recife, JM Surfboards, marca do shaper designer Júlio Marques: um shaper com tradição de realizar todas as tarefas na arte de fabricar pranchas de surf. Nesta equipa da JM Surfboards ainda figuravam Alexandre Martins (Blau Blau), Beto Paulista (Carlos Alberto Bignoto Basso), Albino Malta e João Reinaldo. Para Augusto Godoy, Jarmeson foi um grande surfista e shaper talentoso. Para Júlio Marques, Jarmeson tinha um surf muito bonito, muito polido e um backside formado na esquerda de Abreus que impressionava. Declarou ainda que era um shaper com talento nato.

Falar sobre Jarmeson Sales, enquanto surfista de competição, é também falar sobre uma geração de surfistas pernambucanos onde ele se enquadra e com quem teve relações de amizade mais próximas, caso de Augusto Godoy, como já referido, ou Sávio Carneiro e Alexandre Blau Blau – um surfista que, anos mais tarde, se tornou big wave rider em Mavericks (EUA). Também identificado por Alex Martins, vive hoje em dia na ilha de Maui (Hawaii) e surfa Jaws.



Jarmeson Sales e Augusto Godoy team riders JM Surfboards, praia de Maracatpe, Porto de Galinhas, c. 1988, Arquivo de Júlio Marques.

II – Póvoa de Varzim/Porto (Portugal)

No questionário publicado na The Shaper's Page (The Surf Press), Jarmeson Sales, quando interrogado se planeava realizar num futuro próximo alguma viagem dedicada ao seu trabalho, afirmou que pretendia ir em breve a Portugal. Um desejo realizado durante o último trimestre do ano de 1998, quando Jarmeson rumou até à Europa para desembarcar em Portugal e já na condição de pai de Mikhael Ribeiro de Sales, nascido em Janeiro de 1997, fruto da relação com Clea Ribeiro, no Brasil.

Duas razões são apontadas como forças maiores para esta viagem na sua vida. A insegurança nos mares de Recife, causada pelo terrível aumento exponencial de ataques de tubarão que, em Julho de 1995, vitimaram mortalmente um dos seus amigos de infância, Clélio Falcão, e a procura de uma sociedade com uma economia mais estável para desenvolver e potenciar o seu trabalho. Um novo ciclo na vida de Jarmeson foi inaugurado na cidade da Póvoa de Varzim, a convite de uma fábrica de pranchas de surf chamada Easy, que faliu com problemas de gestão e onde trabalhou como shaper. Com vinte e nove anos de idade, contabilizava 6100 unidades (pranchas) no seu percurso profissional desde 1987. Foi na Póvoa de Varzim que conheceu o destacado surfista local Marco Pereira (Ganso), que se tornou um dos seus melhores amigos e com quem manteve uma relação durante muitos anos enquanto shaper.



Mikhael Ribeiro de Sales com a prancha Detach oferecida pelo pai, Jarmeson Sales, Recife, 1999, Arquivo de Família.

Mediante o contacto de outro amigo, António Manuel Vieira e Silva (Tó Mané), Jarmeson Sales encontrou na cidade do Porto a estrutura necessária para construir uma oficina durante o ano 2000 e, em 2001, já trabalhava com uma marca própria lançada nesta cidade – DNA Surfboards. Para tal, contou com o papel insubstituível do muito acarinhado João Manuel de Abreu (Tio Abreu), na época presidente do Clube de Surf do Porto e vice-presidente da Federação Portuguesa de Surf. Foram estas três personalidades que constituíram o grupo fundador desta marca e fábrica de pranchas de surf. O nome foi sugerido por Nuno Abreu, experiente surfista portuense e filho de Tio Abreu, que propôs o termo ADN inspirado pelo conhecimento das recentes descobertas científicas acerca do genoma humano. Uma ideia que foi assumida pelo grupo fundador desta marca que adoptou esta designação, mas agora na sigla inglesa – DNA. Esta referência cultural emprestou à marca um certo espírito do tempo, virando-a para o futuro durante a alvorada de um novo milénio. Por outro lado, o conceito da DNA Surfboards identificou-se num sentido mais genérico com a origem da vida, para além de continuar a traduzir a filosofia de uma fábrica de pranchas de

surf preocupada com a singularidade de cada surfista que fosse seu/sua cliente.

Uma marca que foi representada por dois logótipos diferentes. No primeiro, o desenho assenta sob um eixo rectilíneo, ao invés do segundo cuja morfologia mais curvilínea resultou da preocupação de Jarmeson Sales em adaptar a forma do logótipo ao rail das pranchas. Sem fundo, com letras contornadas a negro e duas partes vazadas, a forma/função deste último logótipo da DNA Surfboards foi criada pela R2 Design do carismático surfista português e designer gráfico, Artur Rebelo.

Ao residir no Porto, Jarmeson Sales imediatamente se afirmou como um surfista de referência dentro de água, assim como, pelo seu próprio mérito e dedicação, se tornou um dos shapers mais procurados e passou a ocupar um lugar de referência no sector desta região. Neste sentido, deixou uma recordação indelével em sucessivas gerações de surfistas, tendo apoiado alguns dos mais proeminentes surfistas do Porto que se dedicavam à competição, tais como (Puto) Henrique Canto Moniz, Paulo Adão (Paulinho), Francisco Barbedo (Kiko), Pedro Lagoas, entre outros. Ainda hoje é bastante comum encontrar surfistas que partilham a memória de uma convivência muito especial nessa oficina (perfumada por uma velha figueira), onde se incorporava um saber apaixonado pelo surf enquanto se teciam laços de amizade duradoura.



Jarmeson Sales, shape room DNA Surfboards, Porto, Março de 2005, Oscar Schenk.

Importa sublinhar que Jarmeson Sales também deixou um legado assinalável na comunidade de surfistas desta região que se dedicavam ao ofício das pranchas de surf. Na verdade, estamos a falar de uma geração de restauradores e restauradores/shapers que, hoje em dia, trabalham no contexto de surf do Porto e Grande Porto. Nomeadamente, André Teixeira (Birra) um restaurador nessa altura já com experiência adquirida desde os 12 anos e que trabalhou na fábrica DNA sob a supervisão de Jarmeson, juntamente com Ivo Duran

(Rasta), onde recebeu a formação preparatória desta arte. Hélder Santos (Tropa) que considera em Jarmeson, para além de um amigo, o primeiro mentor da sua carreira como shaper, que na actualidade se vê consolidada através da sua própria marca, P-Unit Surfboards, uma marca com dez anos e que fala por si mesmo. Do litoral sul do rio Douro estiveram presentes, José Teixeira (People), restaurador/shaper (professor de surf), que também aprendeu com Jarmeson e que fabricou a sua primeira prancha nessa oficina; finalmente, António Maia (Tó Maia) shaper natural da cidade de Espinho, que chegou a trabalhar para a DNA Surfboards como pintor e que, durante esta fase da sua vida, reconhece a importância do know-how de Jarmeson para laminar e lixar nessa oficina os blocos já shapeados por si. A partir de Setembro de 2001, Tó Maia vive e trabalha na Ericeira, actualmente com a marca própria, Ericeira Custom Surfboards.



Jarmeson Sales ocupado no shape room, Euskadi, 2002, Arquivo Pessoal.

De visita aos famosos point breaks marroquinos durante o mês de Novembro de 2001, Jarmeson Sales declinou um convite para desenvolver o seu trabalho como shaper numa das principais cidades deste país, Casablanca. Não tendo optado por expandir a DNA Surfboards e o seu trabalho nestas latitudes, Jarmeson não abdicou, contudo, de procurar integrar-se num dos mais importantes centros históricos do surf europeu, o País Basco. Entre 2001 e 2005, aproximadamente, residiu e trabalhou como shaper entre o Porto e a cidade de Bilbau, situada no território espanhol da região histórico-cultural do País Basco. Um vai e vem que estimulou a exportação desta marca criada em Portugal, dando mais visibilidade à DNA Surfboards inclusive através do surfista local Pablo García (Zarautz), que venceu com estas pranchas o terceiro Campeonato Circuito de Surf El Diario Vasco em Agosto de 2002. Um surfista com provas dadas também numa sessão de town-in surfing em Roca Puta (Euskadi), durante o Inverno de 2014.

Para além destes marcos significativos na carreira de Jarmeson Sales, esta época de trabalho no País Basco também representa um momento decisivo na sua evolução profissional. Algumas fotografias do seu arquivo pessoal, datadas de Setembro de 2002, tais como os testemunhos de alguns amigos mais próximos, documentam o facto de se ter iniciado num meio de produção que estava a modernizar a construção de pranchas de surf: a máquina de shape. Estando já habituado a um ritmo de produção em série desde o tempo da Custom Surfboards no Brasil, não parece que a principal motivação de Jarmeson por este novo processo de trabalho tenha sido a produção em massa de pranchas de surf. Antes nele se recorda a presença de um interesse genuíno

Jarmeson Sales nas ondas da Praia do Bairro Piscatório (Cagas), Espinho, 2003, Tú Mané.



pela inovação tecnológica e, principalmente, pelo futuro de uma arte que a partir de agora teve que aprender a conciliar a excelência das competências artesanais (uma mais-valia nos shapers da sua geração) e tecnológicas.

A partir do momento em que Jarmeson Sales se mudou definitivamente para a Ericeira, por volta de 2005, a fábrica da DNA Surfboards situada na zona da baixa portuense, rua do Bonjardim nº 582, não foi prontamente desmantelada e tornou-se fundamentalmente uma oficina de restauro para André Teixeira (Birra) e Ivo Duran (Rasta), que nela continuaram a trabalhar com regularidade até ser encerrada em meados do ano de 2010. Porém, um jovem surfista nascido em 1988, André Fabrício, que aos dezasseis anos procurou Jarmeson Sales para junto dele aprender a shapear, tentou lançar-se neste ramo por conta própria, usando estas mesmas instalações em 2007. Um acto de generosidade de Jarmeson que é lembrado por André com muita estima, quando actualmente reconhece a forma como Jarmeson lhe abriu as portas desta oficina para ele poder desenvolver o seu projecto como shaper.

Olhando para trás, o período em que Jarmeson Sales residiu e trabalhou no Porto – entre 2000 e 2005, aproximadamente – representa naturalmente uma fase significativa na sua biografia, pelo facto incontornável de ter obtido estabilidade profissional como shaper em Portugal através da construção de uma marca própria, na qual continuou a investir o seu trabalho em anos vindouros. Uma marca que começou a ser expandida na Península Ibérica não só por causa das temporadas de trabalho no País Basco, como através da existência de um ponto de venda, Sinsemilla Surf-Shop, na cidade de Pontevedra, Galícia.



Consagração do título de Campeão Nacional de Clubes pelo CSP, Praia do Guincho, c. 1999, Arquivo de Tio Abreu.
Da esquerda para a direita, em cima: João Guedes, João Lagos, Fernando Barbedo (Pião), João Gomes (Gomez) e José Mesquita (Zé Lula).
Em baixo: Jarmeson Sales, Nuno Abreu e Francisco Barbedo (Kiko).

Em primeiro lugar, a DNA Surfboards era promovida de forma espontânea por Jarmeson enquanto surfava com as suas próprias pranchas. Nomeadamente, quando competiu como atleta do Clube de Surf do Porto (CSP) e do Sport Comércio e Salgueiros (SCS). No CSP, foi acompanhado por alguns dos surfistas de maior referência desta cidade ou, tal como ele, surfistas temporariamente ligados ao Porto, como José Mesquita (Zé Lula), actualmente a viver e a trabalhar na Costa Vicentina, onde é professor de surf na Freeride Surf School em Sagres, Algarve. Quanto ao SCS, falamos de um clube que juntou na sua equipa alguns dos mais talentosos surfistas do litoral sul do rio Douro, caso de Pedro Dias formado numa orla marítima geradora de alguns dos melhores surfistas da região do Porto, com a qualidade de surfistas mais associados a Leça da Palmeira, tal como o Vice-Campeão Mundial (GOB) de 2001, Rui Ferreira (Ruizinho), bodyboarder matosinhense de primeira linha na sua geração.

Também se sabe que Jarmeson Sales esteve inscrito como atleta de surf na Federação Portuguesa de Surf (FPS) com o nº 3299, quase de certeza, desde 1999 e nos anos 2000, 2001, 2002 e 2010. Também foi sócio do CSP desde 2000 até 2017 (dados oficiais); não obstante, já era sócio deste clube, muito presumivelmente, em 1999. No entanto, perante a total ausência de arquivos que pudessem autenticar de forma mais completa e rigorosa a carreira desportiva de Jarmeson Sales, foi com base em depoimentos de testemunhas credíveis e recurso a alguns documentos disponibilizados que, no presente texto, se relatam dois títulos deste surfista-shaper em algumas das competições organizadas pela FPS. Devido ao constrangimento de não possuir nacionalidade portuguesa, Jarmeson só pôde participar em competições que não se desenrolavam em nome individual, mas exclusivamente entre clubes, tais como Campeonato Nacional de Clubes (CNC) e Taça de Portugal de Surfing. De acordo com a informação que foi possível reunir até à data de hoje, tudo indica que Jarmeson Sales foi duas vezes Campeão Nacional de Clubes: em 1999, pelo CSP, e, em 2002, pelo SCS. Em princípio, foi durante o ano de 2002, justamente quando pertencia à equipa do SCS, que desempenhou uma performance inesquecível numa etapa do CNC disputada até à final em condições desafiantes na Praia do Norte, Nazaré, ainda hoje recordada com clarividência pelos seus pares e por um surfista que, tal como Jarmeson, foi finalista desse campeonato – Pedro Ferreira (Pedrinho de Aveiro), em representação da Associação de Surf de Aveiro.

De acordo com as expectativas naturais de um shaper já com uma importante experiência profissional adquirida fundamentalmente no Brasil – um país que desde 2014 tem consolidado o facto de ser uma potência do surf mundial –, Jarmeson Sales interessou-se pela experiência de um pro-surfer testar as suas pranchas na Europa. Um processo realizado com a colaboração do surfista luso-venezuelano radicado em Portugal, Justin Mujica, hoje com 45 anos, que recebeu duas pranchas da DNA Surfboards por volta de 2001. Bicampeão Nacional Open em 1999 e 2010 (FPS), Campeão Nacional Master em 2022 (FPS) e Campeão Europeu em 2004 (EPSA-ASP), Justin Mujica traz consigo a felicidade de identificar, nesse encontro, o valor de uma amizade que se tornou especial na sua vida. Confessa que gostou das pranchas e admite ter reconhecido em Jarmeson um shaper que possuía uma visão vanguardista à luz da época.

Em suma, espera-se do tempo a possibilidade de valorizar justamente a vida e obra de Jarmeson Sales. Uma tarefa que, muito provavelmente, vai lembrá-lo na contemporaneidade, nos termos de ter sido um shaper-surfista que inscreveu o seu próprio nome na história do surf do Porto e Grande Porto, antes de se mudar para a Ericeira, que já era dos mais importantes centros do surf português. De resto, residiu no Porto durante uma era ideal para um(a) surfista viver nesta cidade, uma vez que pôde usufruir, desde a primeira hora, da onda do Cabedelo do Porto que recomeçou a quebrar a partir de Março de 2001 e que evoluiu de forma magistral ao longo desse ano até que, por fim, se extinguiu, pelo menos à imagem de outrora. Foi também na cidade do Porto e Grande Porto que criou uma constelação de amigos que o acompanharam ao longo da sua vida, mesmo quando já não conviviam habitualmente, e que se deslocaram desde as mais diversas geografias do território nacional para se juntarem na cerimónia fúnebre do Jarmeson realizada em Ribamar, no dia seis de Agosto de 2022.



Festa de aniversário de Jarmeson, Porto, Maio de 2002, Arquivo Pessoal.

III – Ericeira (Portugal)

Depois de um período em que, mantendo residência no Porto, se encontrava a viajar com frequência até à Ericeira para trabalhar enquanto shaper, Jarmeson Sales mudou-se definitivamente para a região da Ericeira, em meados de 2005, e nunca mais voltou a viver permanentemente no Porto. Como é do conhecimento geral, no território da Grande Lisboa situam-se alguns dos lugares mais nefrálgicos do surf português, onde se concentram partes significativas do mercado de surf em Portugal. Numa época em que a notoriedade desta região era tão respeitada como hoje em dia, nada mais expectável do que Jarmeson Sales rumar a sul, tendo em vista a realização de uma nova etapa profissional. Para além disso, este surfista-shaper reencontrou na costa da Ericeira a tipologia de onda que mais gostava: o reef break tão comum na sua terra natal. Desde o primeiro momento que elegeu a onda dos Coxos como sua predilecta para surfar, sem deixar de manifestar o interesse por alguns picos nas Pontes (Coxos).



Jarmeson Sales a abrir o livro nos Coxos com excentricidade, Ericeira, não datado, Arquivo Pessoal (Facebook Jarmeson Sales), Pedro Mestre.

Jarmeson começou por residir na cidade de Mafra, depois em Lagoa e, a partir de 2019, em Ribamar. Foi no planalto da Lagoa, onde se respira o ar do campo, junto das árvores e com muita tranquilidade, que viveu o maior número de anos... cerca de uma década. Praticando uma política de porta aberta, disponível para receber amigos, nessa casa ficaram hospedados, a título de exemplo, André Fernandes (Palmeiras), Pedro Cachapuz (Cacha), Oscar Schenk e Augusto Godoy. Uma habitação vizinha das antigas instalações da Kauai Surfboards, a fábrica em que Jarmeson Sales começou a trabalhar com mais regularidade, enquanto shaper, na Ericeira.

O início de uma nova etapa profissional que remete para o tempo da extinta

fábrica de pranchas de surf Easy, na Póvoa de Varzim, onde Jarmeson conheceu Rodrigo Neves (Kauai), shaper fundador e proprietário da Kauai Surfboards, desde 1990. Um elo de ligação que foi reactivado por Jarmeson quando, segundo Kauai, contactou o seu sócio, Pedro Feliciano (Atleta), para manifestar a sua vontade de trabalhar com o prestigiado shaper australiano Bruce Mckee; um shaper internacional que também passou pela Kauai Surfboards durante os anos em que trabalhou na Europa, onde se afirmou como um shaper de referência neste continente. De facto, e tal como veio a público, em entrevista conduzida por João Valente sob o título «À Sombra dos Mestres» (Shape Room – da extinta revista de surf portuguesa –, SurfPortugal, volume 27, nº 4, Novembro, 2013, p. 60), uma fonte bibliográfica essencial para a realização do presente texto e cuja leitura se aconselha, embora se deva ignorar a presença de uma gralha na data de chegada de Jarmeson Sales a Portugal. Nessa entrevista, Jarmeson reconheceu a aprendizagem adquirida com Bruce Mckee sobre o software para trabalhar com as máquinas de shape. Em linha com uma visão progressista da arte de shapear, já praticada pelo próprio durante os últimos anos, esta experiência deve ter inspirado Jarmeson a valorizar cada vez mais a modernidade na sua carreira profissional, virando-a para o futuro. Porque não dizer, um espírito muito típico no continente americano, onde costuma haver mais tempo e menos história.



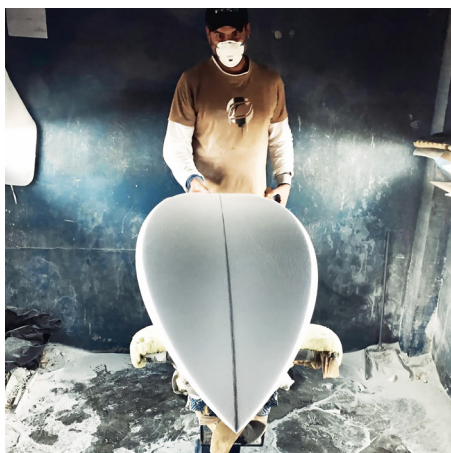
Speed, Power, Flow & Style, Jarmeson Sales nos Coxos, Ericeira, não datado, Arquivo Pessoal (Facebook Jarmeson Sales), Pedro Mestre.

Uma época marcante na história da Kauai Surfboards, muito interessante e solidária, de acordo com Kauai, uma vez que todos os shapers partilharam informação e conhecimento. É de salientar o facto, desta fábrica ter sido a segunda fábrica de pranchas de surf a trabalhar com uma máquina de shape em Portugal, depois da Shaping Professionals Organization (SPO), em Torres Vedras. Uma situação proporcionada pelo investimento estrangeiro de «A Guy Called Gerald», isto é (peço desculpa) Jeff... um bom parceiro na vida de Jarmeson, que gostava de o chamar moon doggy. Para além de ter desenvolvido as suas competências profissionais numa máquina de shape, que no contexto da Kauai Surfboards foi adquirida ao empresário brasileiro Luciano Leão, com montagem e formação de Johnny Cabianca, hoje em dia um shaper muito conceituado; foi através de Bruce Mckee que Jarmeson Sales ainda aprofundou o conhecimento sobre Quad Fin, não fosse este importante shaper australiano precursor deste fin set-up, durante a década de oitenta, no séc. XX, juntamente com o surfista-shaper seu compatriota, Glen Winton (Mr. X), e com o surfista-shaper brasileiro, Ricardo Bocão.

Por volta de 2010, a Kauai Surfboards encerrou portas e retirou-se desta fábrica na Lagoa. Tendo recomeçado a tempo inteiro, três a quatro anos depois, manteve-se no activo até aos dias de hoje. Sabe-se que, nessa fábrica, Jarmeson Sales também trabalhou com a sua marca própria, DNA Surfboards, e um dos seus colegas testemunhou que prestou serviços de backshaper a Bruce Mckee. Uma ligação que continuou a ser

cultivada anos mais tarde, quando ambos trabalharam na Jobsite Surfboard Factory, na Ericeira.

Entretanto, desde c. 2006, Jarmeson Sales tinha começado a trabalhar na Semente Surfboards, em Ribamar, onde trabalhou no ofício das pranchas de surf durante, mais ou menos, 16 anos... Foi durante estes anos que se tornou backshaper de Nick Uricchio, natural dos Estados Unidos da América, um dos shapers mais prestigiados a viver e trabalhar em Portugal (Shaper do Ano, Ondas de Ouro Surf Awards, 2015). Associado a uma marca absolutamente incontornável na história do surf português e trabalhando numa das fábricas mais bem cotadas na construção e design de pranchas de surf em Portugal, Jarmeson inseriu no seu currículo um longo período de trabalho dedicado a uma mesma empresa, mostrando dessa forma possuir uma consistência notável. É de sublinhar que, sob o signo do profissionalismo, da cooperação e da fraternidade, a memória de Jarmeson Sales foi comunicada oficialmente pela Semente Surfboards na notícia do seu falecimento, em Agosto de 2022. Uma marca que, ao celebrar quarenta anos de existência, dedicou o filme «Semente Surfboards 40 years» à memória de Jarmeson Benício de Sales – um gesto que será inolvidável entre a sua família e amigos. Perante a ausência de um esclarecimento mais categórico, imagina-se que o nome «De Sales», inscrito no logótipo vencedor do passatempo lançado pela Semente Surfboards para a edição limitada da prancha comemorativa dos quarenta anos desta marca, também possa ser, justamente, mais uma belíssima homenagem dedicada a Jarmeson.



Jarmeson Sales muito focado num shape room na Ericeira, não datado, Arquivo Pessoal (Facebook Jarmeson Sales).

Para trás ficaram alguns momentos na construção da DNA Surfboards, com especial importância. Ainda na cidade do Porto, ocorreu a produção de um catálogo, criado pelo reputado surfista português e designer gráfico, Patrick Jongenelen. Quando Jarmeson já vivia e trabalhava na Ericeira, a produção de um site da DNA Surfboards, criado pelo surfista e ex-aluno de Jarmeson, André Fabrício, um amigo que se tornou web designer, depois de uma passagem pela arte de shapear. De seguida, o projecto nunca concretizado de formar uma empresa com esta marca, integrando um conjunto de profissionais, tais como o shaper-surfista Hélder

Tropa ou o ex-surfista e economista André Palmeiras, como responsável pela parte financeira. Por último, o serviço de managing, dedicado à DNA Surfboards, prestado por José António Vicente (Zé Vicente), da Jobsite Surfboard Factory.

Mesmo numa era onde a facilidade no acesso ao equipamento de surf se tornou mais fácil do que outrora, as suas pranchas continuaram a ser privilegiadas por alguns dos melhores surfistas portugueses, que Jarmeson Sales ajudou a crescer, tais como Kiko, professor de surf da Arda Surf School, na região de Viana do Castelo, e Lagoas, em relação ao qual Jarmeson fazia questão de relembrar a influência que sobre ele exerceu, como surfista mais velho e experiente. Com certeza que muito satisfeito teria ficado Jarmeson se os tivesse visto – dentro ou fora de água – a surfar na «grande quarta-feira», no dia 08 de Fevereiro de 2023, na Praia do Bairro Piscatório (Cagas), em Espinho, com pranchas Detach, 5' 11'' round e 6' 1'' rounded pin, nos casos de Kiko e Lagoas, respectivamente, durante uma temporada absolutamente memorável neste surf spot.

No fim de contas, Jarmeson Sales, no decorrer de trinta e três anos de experiência adquirida como shaper profissional, sempre procurou apoiar surfistas que pudessem valorizar o seu trabalho através de competições de surf, por exemplo, na lógica de um ciclo de dádiva por ele próprio já vivido quando foi surfista de competição. Tal como o seu amigo de juventude Sávio Carneiro também reconheceu, Jarmeson Sales deu tanto aos outros como sempre recebeu. Deu a outros/as surfistas, shapers e restantes profissionais do ofício das pranchas de surf, pois durante toda a sua vida também recebeu de outros/as surfistas, shapers, etc. Meses antes de falecer, Jarmeson

partilhava com os seus amigos, em Abril de 2022, a conquista de um segundo lugar alcançado pela surfista escandinava Sophie Schneider, no XWave Norgescup (primeira etapa do Norges Cup Surfing), em 2022, com uma prancha Detach que foi elogiada por Sophie, como sendo a melhor prancha do mundo. Um circuito onde esta surfista terminou em terceiro lugar, com um total de 1590 pontos, apesar de não ter competido na última etapa. Independentemente do resultado desportivo alcançado, esta foi aquela colaboração que pôs em destaque a união pouco provável dos extremos opostos, o tropical e o glacial, o calor e o gelo, a água de coco com muito neoprene.



Jarmeson Sales a deslizar no green room dos Coxos, Ericeira, não datado, Arquivo Pessoal (Facebook Jarmeson Sales), Pedro Mestre.

IV – Big Mama (Universo)

Conforme o testemunho de Puto Henrique, um dos mais reputados surfistas portugueses, que conheceu muito cedo Jarmeson Sales em Portugal e com ele construiu uma bonita história de amizade, alimentada pela relação insubstituível de um surfista com um shaper, e vice-versa; Jarmeson confessou-lhe um dia o sonho que teve de vir trabalhar para a Europa e shapear para os/as melhores surfistas neste continente. De algum modo, podemos afirmá-lo, Jarmeson Sales realizou esse sonho, não obstante a interferência de uma morte muito prematura, que lhe ceifou para sempre essa utopia. Em boa verdade, este reconhecido shaper pernambucano, com uma carreira profissional muito digna no Brasil, Portugal e Espanha, pode vir a ser lembrado, na posterioridade, como um shaper notável que nunca obteve o reconhecimento que podia ter recebido em vida. Sem dúvida que os/as amigos/as de Jarmeson Sales testemunharam sobre a sua vontade de crescer mais profissionalmente e como, por vezes, se sentia desiludido por não estar a construir tudo aquilo que ambicionou realizar enquanto shaper profissional. Seja como for, Jarmeson Sales deixou, no Surf e para o Surf, a marca da sua excelência, tanto dentro de água como na sala de shape.



De costas para a onda, Jarmeson Sales a mostrar a qualidade do seu surf, local desconhecido, não datado, Arquivo Pessoal.

Há sensivelmente uma década, o renomado jornalista de surf, João Valente, compreendeu a importância do trabalho desenvolvido por Jarmeson Sales como backshaper, para se conhecer este shaper em toda a sua dimensão. Na entrevista «À Sombra dos Mestres», já referida anteriormente, João Valente fez questão de salientar o facto de ser a um backshaper que «um shaper de renome confia a qualidade e a reputação da sua marca». Um argumento que, por si mesmo, desconstrói a tendência generalizada para subalternizar o papel de um backshaper na produção de pranchas de surf, na medida em que João Valente parece

sugerir outra mentalidade, menos linear, em nome daqueles que, no silêncio, complementam com mérito próprio o trabalho de outro shaper. No caso de Jarmeson Sales, só em Portugal sabemos que foi escolhido para ser shaper de apoio de uma lista de shapers com muito crédito, a saber: Bruce Mckee, John Carper, Luke Budd, Nick Uricchio e Márcio Zouvi. Este último, da Sharp Eye Surfboards, shaper brasileiro que, hoje em dia, se tornou uma presença habitual no ranking dos cinco melhores shapers da World Surf League. Não menos interessante são as explicações que, nessa mesma entrevista, Jarmeson Sales expressou sobre a experiência de ser backshaper. Vejamos porquê.

Jarmeson Sales explicou de forma inteligente que, no seu caso, tinha de começar a pensar como uma outra pessoa, alegando que, quando trabalhava como backshaper tinha de se integrar no pensamento de outro shaper. Como disse, esquecer a sua forma de trabalhar e passar a assumir outro conceito. Ou seja, para cada shaper com quem trabalhava, Jarmeson procurava ter essa capacidade de interpretação, para poder assumir a visão particular de cada um deles. Foi conhecido pela facilidade com que passava de um shaper para outro, possuindo uma flexibilidade excepcional para reproduzir cada um dos shapers. De acordo com os seus argumentos, ainda nessa entrevista, afirmou que tinha de captar todas essas formas de trabalhar e torná-las suas, com a especificidade de, segundo Jarmeson Sales, shapear igual ou melhor do que cada um deles para conseguir ser backshaper.

Com efeito, a dialéctica entre shaper/backshaper parece ter exercido um papel singular em Jarmeson Sales, numa ordem que transcendeu o processo normal de aprendizagem de um backshaper com as pranchas de outros shapers – um método também valorizado por Jarmeson –, e o ritmo de produção em série de pranchas de surf, na lógica da mera divisão do trabalho. Para além destas duas experiências no trabalho de backshaper, em Jarmeson Sales também se identificou, através das suas próprias palavras, outro tipo de instância mais subjectiva, que pode ser útil para os/as shapers de hoje em dia.

Nunca escondendo o interesse pessoal de ser backshaper, através do legado de Jarmeson Sales acrescenta-se, por último, a sugestão (talvez... necessidade) dos contextos profissionais, na criação de pranchas de surf, passarem a assumir publicamente o ofício dos/as backshapers nas equipas de trabalho, assim como os restantes membros dessas equipas. Mais concretamente, a referência dos nomes e apresentação profissional desses/as colaboradores/as, em determinada fábrica e/ou marca, disponíveis para consulta pública, além da referência única do/a head shaper ou dos/as head shapers. Quem sabe, a ficha técnica de cada artefacto poder incluir um número maior de referências que, sem se sobreporem à assinatura e à autoria dos/as shapers, constituem uma equipa de trabalho fundamental, na sua totalidade, para garantir a qualidade de cada prancha de surf.

O que significa dizer, numa só frase – dar luz à sombra.

No dia um de Agosto de 2022, o site de surf português Surftotal, premiado com o prémio carreira, Portugal Surf Awards, em 2021, publicou a notícia muito infeliz do falecimento de Jarmeson Sales. Uma publicação onde se reconheceu a escala nacional deste shaper-surfista, na medida em que comunicava que o surf português chorava a morte de Jarmeson Sales. Com uma pequena apresentação profissional e algumas imagens a surfar nas ondas dos Coxos, Jarmeson Sales recebeu por este meio uma homenagem póstuma,

que teria valorizado se porventura a tivesse recebido em vida. Em dois de Agosto de 2022, os sites de surf brasileiros, Waves e Hardcore – O Surf em Evolução, sites com visibilidade nos media especializados em surf no Brasil, também noticiaram o seu falecimento e tecerem elogios a este shaper-surfista, à imagem da publicação lançada anteriormente em Portugal, no portal de informação sobre surf – Surftotal.

Sobre a excelência do surf que praticou, estamos perante um atributo que incorporava graças à elegância com que montava as ondas e notabilidade de um surf de rail poderoso e fluído. Jarmeson Sales detinha uma técnica de entubar muito apurada e um gosto particular por condições mais pesadas, com ondas de consequência, que costumava encarar com segurança, confiança e tranquilidade. Foi ainda um surfista completo, que combinou este grau de performance exigente e difícil no surf com uma dimensão mais contemplativa da natureza e das suas forças, no modo expressivo como sentia as ondas e «dialogava» com o mar, típico de um espírito livre e sensível, mas destemido.



Jarmeson Sales em harmonia com as ondas dos Coxos, Ericeira, não datado, Arquivo Pessoal (Facebook Jarmeson Sales), Pedro Mestre.

Jarmeson Sales foi uma pessoa alto-astral, tinha boa disposição para dar, um humor sempre pronto para a galhofa e possuía um sentido estético interessante, que cultivava recorrentemente na sua vida e profissão. Têm sido muito frequentes os elogios endereçados ao seu bom coração e as suas qualidades como surfista foram, sem margem para dúvidas, uma mais-valia no seu trabalho como shaper.

Um shaper cujo talento e valor foram reconhecidos pelos seus pares, assim como pelos surfistas, inclusive pro-surfers. Preferia dedicar-se à high performance shortboard, um tipo de prancha onde se especializou como shaper, sempre fascinado pela complexidade do mínimo detalhe. Uma paixão que, de uma certa maneira, se projectava nos carros desportivos que preferia conduzir, como se continuasse permanentemente no

pocket da onda. Fazia questão de recordar Simon Anderson e a ruptura histórica que este surfista-shaper australiano trouxe para o surf.

Deixa saudades na comunidade de surf que o conhecia e naqueles/as que perderam um amigo, mas também nos que amavam as suas pranchas, sempre acompanhadas pelo seu logótipo de shaper – o apreciado colibri de Jarmeson Sales –, representativo do interesse tradicional dos/as shapers pelos peixes e aves, inspirados pela Física, por exemplo, pela hidro e aerodinâmica. Durante os últimos anos, não surfava com tanta regularidade como fez ao longo da sua vida, perseguido por algumas mazelas e lesões, mas manteve uma prática constante de natação em águas abertas, no mar da Ericeira.

Em 2020, após mais de uma década de companhia, Jarmeson passou pelo desgosto de perder a Alice, uma gata que lhe foi confiada pela sua amiga e companheira, Bárbara. Uma pessoa que o conheceu muito bem e, segundo a qual, o surf deu todo o sentido à vida de Jarmeson Sales.

Nos dias em que partiu, sentia-se em Portugal continental uma onda de calor impactante, dia e noite, a lembrar o clima tropical onde Jarmeson nasceu, e o mar estava azul, azul mesmo de noite... Com causas de morte já apuradas oficialmente no relatório da autópsia, Jarmeson deixou-nos numa noite com a lua crescente, enquanto vivia em Ribamar, há seis meses, com o seu filho Mikhael de 24 anos. Actualmente, com 25 anos de idade, Mikhael de Sales tem guardado a urna onde se depositam as cinzas de cremação do seu pai, que serão repartidas, em princípio, entre Brasil e Portugal. Mikhael Ribeiro de Sales será o herdeiro responsável em vida pelo acervo de Jarmeson Benício de Sales. Mantém residência em Ribamar, no rés-de-chão da mesma moradia onde vivia com Jarmeson Sales, em que um pátio se desdobra para uma açoteia, a partir da qual podemos desfrutar de uma vista panorâmica para o Oceano Atlântico – lá onde as margens se conectam.



**Obrigado, Jarmeson, por tudo aquilo que nos deste.
A tua memória nunca será esquecida!**

Agradecimentos e Nota de Autor

Não teria sido possível escrever o presente texto sem a consulta sistemática do arquivo pessoal de Jarmeson Benício de Sales, disponível à data de hoje, e sem a colaboração generosa e insubstituível da seguinte lista de pessoas, respectivamente (sob a ordem de depoimentos, contributos e disponibilidade):

André Fabrício, André Fernandes (Palmeiras), André Teixeira (Birra), Antónia Maia (Tó Maia), António Manuel Vieira e Silva (Tó Mané), Artur Rebelo, Augusto B. Godoy, Bárbara, Cláudio Rodriguez (Clay Sinsemilha), Francisco Barbedo (Kiko), Hélder Santos (Tropa), Hélio Coutinho Neto, Henrique Canto Moniz (Puto Henrique), Ivo Duran (Rasta), João Castelo Branco (Joãozito), João Manuel de Abreu (Tio Abreu), José Teixeira (People), Júlio Marques, Justin Mujica, Marco Pereira (Ganso), Mikhael Ribeiro de Sales, Nuno Abreu, Pedro Dias, Pedro Ferreira (Pedrinho de Aveiro), Pedro Lagoas, Ricardo Rodriguez (Richie Sinsemilha), Rodrigo Neves (Kauai), Rômulo C. Bastos, Rui Ferreira (Ruizinho) e Sávio Carneiro.

Albert Pereira (Cabeleira), Alberto Feliú (Abo), Alexandre Cruz de Melo (Xande), Associação de Surf de Aveiro (Pedro Velinho), Clube de Surf do Porto (José Alberto Miranda – Zé Beto), Federação Portuguesa de Surf (Vitória Pereira), Fernando Barbedo (Pió), Filipe Morango, Flávio Ferreira, João Gomes (Gomez), João José de Santana, João Lagos, João Marques (Russo), João Valente, José António Vicente (Zé Vicente), José Mesquita (Zé Lula), Luke Budd (Doggy Junior), Manuel Centeno, Maria Bleck, Maria José Brito, Maurício Gomes Barbosa (Aranha), Miguel Katzenstein, Oscar Schenk, Patrícia Vieira e Silva (Paty), Patrick Jongenelen, Paulo Adão (Paulinho), Pedro Monteiro (Pecas), Pedro Varela, Ricardo Marroquim e Vera Benício de Sales.

Afonso Areias, André Barreiros, Bernardo Abreu, Bruno Magalhães (Smith), Clea Ribeiro, CRCQL – Lombos Praia (Beatriz Ventura – Bia), Francisco Cunha Leão, Gustavo S. Costa, João Cortez, João Pedro Pinto, Pablo Cons, Paulo Salazar, Pedro Gomes da Silva (Morango), Pedro Lemos, Pedro Pimenta (Pikas), Pedro Santos, Tiago Martins, Tiago Martins (Titi) e Tomás Andresen (Tomasinho).

O autor deste texto foi amigo de Jarmeson Sales durante, aproximadamente, vinte e dois anos e também se assumiu como fonte de informação deste texto. Foi confrontado com algumas incongruências na informação disponibilizada, muitas vezes resultante do próprio funcionamento da memória, e material documental inconclusivo ou mesmo inexistente que impediram de validar outros acontecimentos. Razão pela qual também se justifica interpretar esta narrativa como um documento biográfico, eventualmente mais incompleto do que outras sínteses da vida e obra de Jarmeson Sales.

O autor procurou apurar os factos aqui relatos de forma rigorosa e com honestidade intelectual, tendo em vista respeitar a verdade dos acontecimentos. Num universo de sessenta e sete diligências promovidas para obter e registar conteúdo documental, somente nove casos se revelaram infrutíferos.

Pedro Cachapuz (Cacha) - Porto, 15 de Maio de 2023

P.S. – Por vontade expressa do autor este texto não respeita o novo acordo ortográfico da língua portuguesa, excepto na lista de agradecimentos.

À SOMBRA DOS MESTRES

Jarmeson Benicio de Sales começou a shapar aos 15 anos com o consagrado Rogério Bastos, shaper que lançou Fábio Gouveia através da Custom e da Realce Nordeste, uma grande fábrica de pranchas onde o jovem surfista pernambucano aprendeu e desenvolveu o seu ofício. Veio para Portugal em 1989 depois de ter um amigo de infância vítima de um dos muitos ataques de tubarão que tornaram a sua cidade natal de Recife num caso crónico. Desembarcou à procura de águas menos violentas para surfar e de uma economia mais estável para trabalhar e tornou-se, por talento e vocação, no shaper de apoio de algumas das maiores e mais importantes fábricas de pranchas do país. Tem a sua marca, a DNA, mas afirma que a sua vocação é de facto aprender e fazer tão bem quanto os melhores, de maneira a ninguém notar a diferença entre mestre e ajudante.

Como começou a tua aventura portuguesa?

Começou pelo Norte, a convite de uma fábrica de pranchas de curta duração, que faliu por má gestão. Depois disso montei a minha primeira fábrica, já sob a marca DNA, mesmo na cidade do Porto, e trabalhava muito entre o Porto e Bilbao. Depois disso é que vim para a Ericeira e comecei a minha relação com o Bruce McKee, com quem aprendi muito sobre o software para trabalhar com as máquinas de shape.

Como backshaper, já trabalhaste nas mais diversas fábricas, não foi?

Sim. É sinal de que gostam do meu trabalho.

Qual é o maior desafio de um backshaper? Afinal, é a ele que um shaper de renome confia a qualidade e a reputação da sua marca.

No meu caso é começar a pensar como uma outra pessoa. Eu tenho o meu próprio conceito de shape, mas quando vou trabalhar como backshaper de alguém, tenho de me integrar no pensamento dele, porque se fizer as coisas à minha maneira o trabalho não vai sair como ele quer. Tenho de esquecer a minha forma de trabalhar para passar a assumir outro conceito, e isso para cada shaper com quem trabalho.

Se estou a trabalhar com o Luke (Budd), por exemplo, não posso funcionar à minha maneira mas também não posso funcionar da maneira como faço para o Nick (Uricchio), ou para o McKee ou para o (Márcio) Zouvi. Cada um tem a seu maneira e eu tenho de captar todas essas formas de trabalhar e torná-las minhas. O que eu noto é que, no mínimo, tenho que shapar igual ou melhor do que cada um deles, senão não consigo ser backshaper.

O que levará então shapers de excelência, que trabalham para alguns dos maiores nomes do ofício, a nunca saírem da posição de backshaper para criarem a sua própria marca?

No meu caso, eu tenho a DNA, que é a minha marca, mas o que muitas vezes se passa é a parte toda da operação, do negócio e do investimento necessário para que isso aconteça. Agora estou a trabalhar com o Zé Vicente, da Jobsite, que está a fazer todo o trabalho de managing e que trabalha para mim, para o Luke, para o McKee, para o Wagner Pupo e outros. Eu já tive uma fábrica e sei o trabalho que isso dá, além da questão da segurança, por isso agora prefiro trabalhar como backshaper e se alguém quiser uma prancha minha, procura-me e eu faço na fábrica da Budd Glass, na Achada, perto da Ericeira.

Como backshaper, o que mais te dá gosto encontrar em alguém para quem vais trabalhar?

É a confiança dele. É aquela atitude que vemos ele ter quando tem que se ausentar e vai descansado porque sabe que a fábrica não vai parar e que a qualidade do trabalho não vai diminuir na sua ausência. Mesmo porque isso depois se reflete na opinião do público, que vê-me a trabalhar para uma marca de renome e reconhece automaticamente que se aquela marca confia no meu trabalho é porque eu tenho qualidade para isso.

Mencionaste que todo o shaper tem a sua filosofia, a sua visão do que deve ser uma prancha, e que ao trabalhares para eles, tens de adotar essa visão como tua. Mas e a tua visão, então? Qual é o teu conceito de prancha?

A minha visão... olha é muito parecida com aquilo que eles estão a fazer na Budd Glass, que é voltar um bocado ao passado. Onde eu antes punha 5,5" de curvatura, agora uso 4,5", e também tenho feito algumas coisas como aproximar a configuração do nose à do tail, para que quando o surfista atira com a rabeta, consiga encontrar no nose uma sustentação parecida com a que ele normalmente tem na rabeta. Os surfistas vão precisar cada vez mais disso, pois acho que vamos ter cada vez mais surfistas a usar a prancha quase como um skate ou um snowboard. Nesse sentido, outra coisa que também ando a fazer é deixar os dois pontos de entrada quase iguais, para facilitar o ponto de peso alternado, que é um elemento do surf de qualidade, a constante alternância do ponto de peso sobre a prancha. Uma coisa que aprendi é que o cliente avalia muito a prancha pelo aspeto dela, e assim o que também faço com essas técnicas é brincar um pouco com o olhar dele. Fazer uma prancha larga parecer fina, ou variar a impressão sobre a colocação do widepoint mais a frente ou mais atrás, conforme como se observa.

A oportunidade de ver a tua marca começar a ser mais comercializada pode ser o passo definitivo para sair da sombra ou estás confortável na posição de backshaper?

Olha, desde os tempos da Custom, com o Rogério Bastos, que fui criado para fazer pranchas de produção. Sempre gostei desse ritmo de quatro shapers enfiados numa fábrica, a produzirem ao ritmo de 10, 15 pranchas por dia, por isso, esse tipo de trabalho já está muito entranhado. Além de que trabalhando para vários sítios, tenho sempre a segurança de que se uma fábrica se for abaixo, consigo sempre safar-me noutra. Mas não vou negar que a oportunidade que a Jobsite está a criar para a DNA é uma coisa que me está a entusiasmar, pelo que é por aí que vou insistir mais agora. Mesmo porque, quanto mais sucesso eu tiver em nome próprio, mais requisitado vou ser como backshaper.





Ficha Técnica:

Texto e Seleção de Imagens, Pedro Cachapuz; Entrevista de João Valente/ Entrevistado Jarmeson Sales; Design, André Fabrício; com fotografias de Tó Mané, Pedro Mestre, Tio Abreu, Oscar Schenk e do arquivo pessoal e família de Jarmeson Sales.